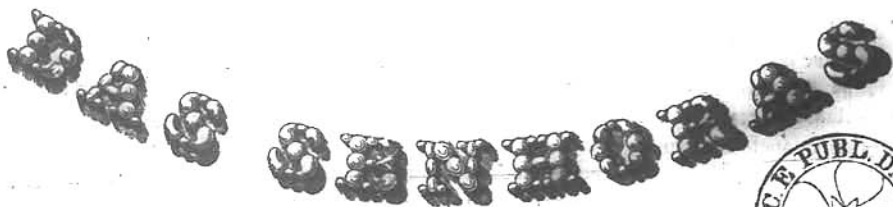


O JORNAL



Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

∞ O programa e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina. ∞

MODAS.

Prometti dar-vos a descripção dos diversos *toilettes* que mais me agradarão, e dos que mais notaveis se tornarão no baile do Sr. commendador Pereira Bahia; eis-me na tarefa, prompta e de tão boa vontade, quanto é o meço que tenho de incorrer no vosso desagrado. Deus me livre de tal!

Já estou dentro de um dos sumptuosos salões do Sr. Pereira Bahia depois de ter, quasi que voado, por cima de uma escadaria macia e ornada de duas álas de grandes jarros com flores. Suas Magestades ainda não chegarão. Assentei-me em uma cadeira que felizmente estava desocupada, mas logo levantei-me para melhor respirar. Por entre as ondas dos immensos convidados giravão os donos da casa distribuindo cumprimentos e agrados. Neste momento as girandolas, os clarins, o hymno imperial tocado por duas bandas de música ao mesmo tempo, e a inquietação de todos, certificarão-me que erão

chegados os Augustos Convidadbs para quem brilhava tanto esplendor. Beijeí a mão a S. M. a Imperatriz; olhei com todo o amor e respeito para ella, e depois disse comigo: eis-aqui a rainha e a magestade de toda parte. Vejamos agora o resto.

Quando voltei ao meu logar já não encontrei a minha cadeira: estava occupada então pela viscondessa de... que conversava com uma linda menina de vestido de gase branco; poucos enfeites, mas assentava-lhe muito bem; aproveitei a occasião e mirei-lhe o *toilette*.—Era um vestido de setim branco com a saia enfeitada de um rico folho de renda e uma sobre-saia curta de seda cõr de ouro aberta dos lados e regaçada por um ramo de flores cada um.—Penteado de bandós ondeados e enfeite de fita *algerienne*.

Ao signal da primeira quadrilha, uma multidão de cabeças, enriquecidas de diamantes por entre delicados enfeites de ouro e de prata, de

perolas e marabús, scintilárão por todos os salões projectando o mais vivo clarão do luxo e da grandeza.

Magníficas e deslumbrantes são as ultimas invenções de enfeites dos penteados modernos : o ouro e a prata dão-lhe um realce de elevado primor. O enfeite de grade azul clara com borlas e contas de prata assentava perfeitamente sobre o penteado de bandós da viscondessa de.... O escarlate de lagrimas de ouro, acompanhado da pequena franja que o guarnecia, sobresahia com o mais feliz effeito, sobre esse typo sereno e encantador do Imperio. Os penteados com marabús, as delicadas e perfeitas grinaldas de Constantino, as largas fitas encrespadas e entrelaçadas de galonete de ouro, as grades de veludo e contas de aço polido ou vidrilho, penteados todos lindissimos, produzirão o exito mais bello e encantador dos fastos do luxo dessa noite.

A Exm.^a D. E.... trajava um alvo e diafano vestido de filó, bordado de frocos azues, de duas saias, a segunda regaçada por dous laços de fita de setim azul mui larga; cabeção guarnecido de fita e blond elegantemente disposto. Por ornato do penteado estreaava um brilhante enfeite de veludo tambem azul com enlaces de blond bordado de aço.

Um requissimo vestido de setim còr de rosa cuberto com duas ordens de renda ponto de Inglaterra, corpinho recuberto com uma valiosa berthe *chateleine* de ponto de Inglaterra, grinalda e ramo de peito sómente de rosas, despertou-me a curiosidade, e perguntei ao cavalheiro que me conduzia quem era esta elegante senhora: disse-me que era filha de Pernambuco.

Mais adiante fazia a *travessée* da segunda contradança a Exm.^a Sr.^a D. H.... cujo precioso vestido era de seda còr de ouro matizada com recamos de diversas côres; *guipure* de filó. Penteado de bandós ondeados ornado de um magnifico e delicioso enfeite de veludo escarlate semeado de ouro.

Duas interessantes meninas, que não dançavão nesta occasião, levantarão-se em companhia de uma terceira talvez.... quem sabe se não foi para assim reprehenderem os descuidosos ou atarantados pares que não as souberão procurar em principio da quadrilha!... Ambas trajavão vestidos no mesmo gosto, iguaes em tudo, porém um era azul e o outro còr de rosa, de tafetás *glacé*, com tres saias guarnecidas de franjas, e a ultima apanhada por um laço de fita mui larga; cabeção igualmente enfeitado com as mesmas

franjas e laços de fita, ornando-lhes o cabeçlo grinaldas de flores do campo, e ramos de pioto iguaes.

Depois da contradança, no passeio de luxo e do bom-tom, em que as graças, o espirito e a elegancia ostentão-se em toda a magnificencia, por entre o movimento embriagante encontrei-me com a Exm.^a D. E.... B.... Seu *toilette* era primoroso e de apurado gosto. Trajava um vestido de filó branco de cinco saias sobrepostas, cada uma das quaes era guarnecida de ornamento de fita branca prateada, seguida interpoladamente de marabús, tambem prateados; corpinho enfeitado com franjas de marabús iguaes aos das saias, e sobre o seu penteado revelavão-se ainda os mesmos marabús prateados. Era um distincto *toilette*.

Em geral não encontrei um só *toilette* que não merecesse as honras da elegancia e do bom-tom: o capricho e o bom gosto predominárão sobre as sedas e os filós, e delles produzirão os mais vaporosos e delicados vestidos. Os enfeites modernos realção em toda a força de seu brilho nestas magestosas funcções!

Eu não cabia em mim de contente vendo as meninas solteiras tão propriamente trajadas; pareceu-me, tambem não sei se foi vaidade minha, que ellas tomarão os conselhos da Christina, que é tão sua amiga. Por isso tiverão o gostinho de mais de quatro elogiar-lhes o bem acertado do seu *toilette* e a candura que o predominava. E' aqui que está todo o feitiço do *toilette* da menina solteira.

Ao mesmo tempo, nesta mesma noite, o Sr. commendador Costa Ferreira reunia nas elegantes salas do seu palacete do Cattete um brilhante numero de bellas e interessantes senhoras, e uma das álas dos seus mais alegres e espirituosos amigos, formando assim um todo cheio de vida e movimento. Era mais uma completa reunião que nos offerencia o Sr. Costa Ferreira, onde as graças e os risos, a par da franqueza e alegria que elle sabe distribuir aos seus convidados, deixão as mais profundas impressões de vivas sympathias e prolongadas recordações de tão agradaveis noites.

Dos delicados *toilettes* que trajavão as elegantes desta função nada mais accrescento senão meus elogios á encantadora combinação da sua propriedade; era um mimoso festão de meninas solteiras pela maior parte, cujo trajar não offerencia preferencias, a menos que não seja indicando algum attributo dos seus enfeites. Por

exemplo: aquella linda e espirituosa menina das tres feiticeiras violetas na folhazinha verde sobre o peito da rendada camisinha, e que acompanhava o apressado palpitar do seu coração na saltitante *schotisch*;—a outra, cuja voz doce e sonora nos arrebatou e prendeu, pelos anelinhos de cabello tão naturalmente formados sobre a sua serena fronte;—est'outra, pelo seu porte senhoril e seu semblante georgiano,—aquellas duas irmãs, pela harmonia da côr e enfeites dos seus vestidos ou pela belleza dos olhos de uma e o nobre perfil da outra.... Só assim as mencionaria eu, que sou mulher, no caso de me pedirem muito.

Não pude deixar de admirar o importante serviço, para dessert, que o Sr. Costa Ferreira apre entou na sua esplendida mesa da ceia. É um completo serviço de verdadeiro cristal lapidado, cujas immensas peças revelão modelos de muita especialidade, notando-se entre ellas os cabos de cristal das facas e garfos, obra de summa perfeição, as serpentinas e as grandes jarras para arderem em feixe quatro vélas ao mesmo tempo.

Ao chegar-me a esta mesa de cristaes chammejantes, gozei de um effeito maravilhoso! julguei-me transportada a um desses magicos palacios das Fadas de mil e uma noites, onde os rubins as saphiras e as esmeraldas formão os enfeites dos opiparos manjares. Taes erão as diferentes côres que reflectião estes cristaes por entre a immensa luz que os illuminava. Que apreciavel mesa para o amigalhão de bons bocados!

DISCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

Aqui tendes dois *toilettes* dos mais distinctos que apparecerão no dia da grande revista em Paris. São duas elegantes que estão debaixo de um pavilhão d'onde observão curiosamente a benzedura das aguias e as evoluções militares: vejamos de que se compõe o seu *toilette*.

A da direita usa um lindo chapeo de filô guarnecido de duas ordens de crespos de tafetás branco entremejados de passamanes de palha.— Vestido de tafetás furta-côr, rosa e branco, com tres folhos largos ornados de uma grega feita com uma fita especial, propriamente chamada *fita de encrespar*, á qual o *Moniteur* dá-lhe o engraçado appellido de *farsadets*, nome mui parecido na pronuncia com *fasás*, palavra carioca, e que é bem applicado neste caso.—Corpinho afogado, de *basquine* enteiriço todo talhado por divisões iguaes, guarnecidas dos mesmos *fasás*.

—Mangas talhadas pelo lado inferior e graciosamente atacadas do cotovello até em baixo, —Submangas enfunadas.

A da esquerda acaba de retirar o seu oculo de punho e chama, a attenção da sua amiga sobre talvez aquelle official que do Pavilhão se vê ao longe correndo a cavallo. Ella está penteada á rainha Hortense, moda do tempo do imperio, que Paris resuscitou-a em obsequio a Luiz Napoleão, e vai graçando com todo o furor. Este penteado forma-se voltando o cabello todo para

cima, deixando ficar pequenas pontas, das quaes fazem-se delgados anelinhos que enfeitão toda a testa, e vem finalizar junto ás orelhas. Entre a trança e estes anelinhos passão duas ordens de enfeite de veludo azul ferrete esmaltado de vidilho, rematando de cada lado com um laço de pontas picadas.—Roupão afogado de tafetás verde com avelal fingido por uma guarnição enviezada de renda *guipure*, verde e preta, que continúa enfeitando o corpinho tambem. Este roupão é fechado de cima até abaixo por uma ordem de botões muito juntos acompanhada de bandas da mesma renda *guipure*.—Um afogado colarinho a cardeal de *guipure* branca de Veneza, e da mesma renda são as *submangas*, as quaes seguem os contornos das mangas de seda.

20 de agosto.

Christina.

O SINO.

(Continuado.)

III.

O sino da torre tangia a musica da oração.

Era pacifica, sonora e regular; seus écos penetravão até á choupana mais longiqua da aldeia: era a hora da missa.

Como era respeitoso seu tanger, chamando os fieis para a missa; esta é a musica que guardamos em nosso coração para sempre, é aquella que nos acorda ao domingo para irmos á igreja.

Longa procissão de todos os sexos e idades, marchava alegremente para a porta do templo, era a obrigação que o parochô havia ensinado aos seus, e os seus santos conselhos erão seguidos, porque elle era bom homem, fazia bem a todos, a todos aconselhava e animava, e reprehendia modestamente quando algum faltava.

Bom e santo parochô, tu és mais feliz que o rei da terra; todos te conhecem e te amão! a mãi traz-te seu filho para o abençoaes, o lavrador vem pedir-te conselhos e humilde beijar-te a mão do altar.

E o sino tangia a musica da oração.

Marcha, marcha, bella procissão de fieis, que o sino annuncia-vos que é a hora da missa do domingo, ide ao templo receber nova unção, novo balsamo para a vossa alma de peccadores, resa lá por tudo que tendes de caro sobre a terra, e quando confessardes vossas culpas ao Senhor, não ommittaes nenhuma, porque Elle todo é pura bondade e amor.

Neste momento de magica poesia, eu sentia um prazer intimo espalhar-se docemente em minha alma, todos estavam satisfeitos, todos fugião do pé do lar para ir ouvir missa.

O toque do sino é já tão familiar para aquelles que o ouvem, estão tão costumados a desempenhar seus pedidos, que cegamente obedecem a seu chamado; elles o ouvirão quando nascêrão, brincarão depois com elle, e o ouvem agora tambem e para sempre sobre a terra.

Encostado ao cipreste do cemiterio, eu atten-

dia todos os movimentos dessa multidão, e parecia-me então que tudo quanto ha sobre a terra é inferior a este acto de verdadeira religião e de uma moral robusta.

Os ecos alegres do sino perdião-se na encosta do monte, lá, muito além, pelas searas do undivago trigo, e subião mansamente ao Céu, subião até perderem-se nas nuvens e serem ouvidos pelos anjos.

O sol da manhã allumiava esta scena campestre; vós sabeis que o sol do domingo é mais puro, mais brilhante.

Que painel delicioso, que doçura de cores e de scenas!

Parece que a natureza toda se alegra nesta hora de respeitosa sublimidade.

E a bella procissão dos fieis caminhava alegremente para a igreja, todos os semblantes estavam animados; o ancião, a velha, o rapaz, a rapariga, o menino e a menina tudo parecia sorrir-se.

E o sino tanguia a musica da oração.

IV.

Festival, alegre e ligeiro, o sino agora repical que temos?

Sua musica cadente e harmoniosa infunde prazer no coração, traz riso aos labios, doçura a alma.

A bondade deste bronze do alto da torre espalha doce harmonia sobre a natureza que o cerca, e os passarinhos pousados sobre a cruz da capella modesta, pulão, cantão de alegres; voão e tornão ligeiros a voltar, brincão em torno da torre.

A natureza parece tambem saudar este acto de immenso prazer, o Céu tão azul, nem uma nuvem sequer se desliza sobre elle, a brisa agita brandamente a ramagem do arvoredo, tudo é prazer, é delicia.

E ainda eu sentado sobre a pedra á porta da choupana contemplava a festividade da aldéa.

Festival, alegre e ligeiro agora o sino repica l que temos?

E' o menino recém-nascido que vai á pia.

E' o dia do baptismo da aldéa, não é pomposo como nas cidades; mas é grandioso pela sua simplicidade.

O innocentinho vai á igreja, vai receber o baptismo, banhar-se na agua do Jordão, receber o nome de christão.

A mãe, boa mulher, o traz nos braços, balança-o meigamente, e esta criancinha sorriu-se para ella com a candura do anjo; como é lindo assim envolvido em roupas de linho bem lavado; as mãosinhas delicadas debatem-se inquietamente; os pésinhos alvos movem-se com soffreguidão; elle é todo prazer; o repique do sino fórma já o seu brinco mais precioso. E' a primeira vez que vai á igreja receber as primeiras impressões da musica divina.

Nesse dia, todos apinhados em torno do baptisado festejão o sacramento mais pomposo do christianismo.

Misturado com os canticos da igreja, o sino

fórma um acompanhamento magnifico, de elevada harmonia.

Esta musica é celeste, é igual á musica da natureza nas manhãs da primavera, quando os passaros cantão a chegada da estação nova, estação despertada do somno do inverno.

Guardai estes sons na mente, recordai-vos delles quando na ausencia da patria chorardes a falta dos objectos queridos que lá deixaste, e que vossas saudades amenas, escondidas no intimo de vosso coração, se renovem de dia em dia e sereis felizes mesmo ausentes.

Porque quando tudo que nos cerca é extranho, quanto é doce as lembranças da nossa terra! e quando juntamos estas lembranças á simplicidade dos costumes que trazemos do seio da familia, formamos um monumento sublime que é digno de ser invejado pelos mais felizes da terra.

Acordai-vos do somno dormido em terra estranha, e que os sons do sino, mas quando esses são alegres e festivos, venhão ferir vossos ouvidos.

Lembraí-vos que quando vos baptisáram, o sino tocava alegre, porque era mais um filho de Deus que ganhava as recompensas da santa lei de Jesus.

Festival, alegre e ligeiro o sino ainda repicava.



SAUDADES.

No album de um amigo.

Foi o amor para mim sonho ameno
Em que alegre embalei o porvir;
Foi qual brilho d'um astro sereno
Que do Céu me seguia a sorrir.

Foi qual brilho do sol desmaiado
Entre as nuvens de feia procella,
Foi de rosas caminho trilhado,
Foi qual riso de meiga donzella.

Foi qual brinco de infante inexperto
Sobre as rochas das fragas do mar,
Onde o pego se mostra encuberto
Nessas ondas que o sol vem dourar.

Foi um curto fruir de prazeres,
Que a saudade bem fundo deixou;
E profundos fieis caracteres,
Em minha alma p'ra sempre estampou.

E durou como a flôr orvalhada,
Decepada da hastea mimosa;
Como a rosa em botão desfolhada
Sobre a campa de virgem formosa.



Como o lyrio que abriu na campina,
Que foi murcho do sol ao rigor;
Como pende da hastera a bonina
Debruçada da sêsta ao ardor.

Como o brilho da lua saudosa
Já tombada nas aguas do mar;
Como o riso na face mimosa
D'um infante sorrindo a expirar.

Foi o amor para mim sonho ameno
Em que alegre embalei o porvir,
Foi qual brilho d'um astro sereno
Que da esphera fugiu-me a sorrir!

Salomon.

KAROLINA,

novella polaca do XIX seculo.

O DIA DA BODA.

Estava destinado o dia 4 de maio de 1804 para o casamento de Karolina com o joven conde Leão S.... Grandes preparativos se tinham feito para esta solemnidade, que devia celebrar-se em Warsovia no palacete do pai da noiva. As carruagens se cruzavão na rua Comprida, os criados ião e vinhão, e os convidados se apinhavão nos salões.

Martinho Dobromir, pai de Karolina, era filho de um rico negociante de Wolynia. Não destituido de intelligencia, nem de um certo saber, passou a ser o gerente de uma grande casa, e em pouco tempo ganhou uma fortuna consideravel. Com facilidade obteve o alvará de nobreza, sendo nomeado *copeiro* do rei, e pouco depois a condecoração de S. Estanslão. Não é portanto para admirar que no dia do casamento de sua filha se apresentasse com uma magnifica casaca cõr de amarantho, em cujo peito brilhava a estrella da ordem. Julgava-se Dobromir o mais feliz dos homens: tudo aquillo a que podia aspirar a sua ambição e os seus desejos estavam realísados, ainda, além do que era de esperar, casava sua filha com um dos maiores nomes da Polonia! Sua filha, a sua querida filha ia assentar-se em um dos primeiros logares da alta sociedade de Warsovia. Affavel, previdente, nãdando em alegria, Dobromir era para todos risonho, e para todos amavel.

Madame a *copeira* (1), que assim era tratada sua mulher, mais moderada nas suas emoções, esforçava-se em ser polida e amavel para com esta fidalguia, que não se dignava de a procurar. E todavia algumas lagrimas se escapavão a furto de seus olhos, talvez porque a ambição pouco poder tinha sobre o coração de uma mãe. Este casamento ajustado desde longo tempo entre os parentes, havia sido concertado como uma negociação; ninguem se lembrãra de interrogar antes o coração dos nubentes. Pobre mãe, que entregava sua filha sem ~~receber~~ em troca a plena garantia da sua felicidade!

(1) *Copeira* é título de nobreza.

Passava de uma hora que toda a sociedade, a familia e os amigos, estavam reunidos, e nada de apparecer o conde! O palatino S.... havia precedido seu filho; seu rosto terno e meditando contrastava altamente com o ar risonho e radioso do *copeiro*.

Todos murmuravão entre dentes, e se entendião com os olhos. Alguem disse que, passando pelo palacio do conde, vira á porta uma carruagem puchada a seis, o que denotava que elle não tardaria.

— Pois eu sei, disse a camarista R.... com um sorriso sardonico, que o phaetonte do conde estava ha uma hora á porta do jardim de Lazienki. Talvez o conde fóra ahí procurar flores de lãrangeira para fazer um ramalhete para a sua noiva.... E ia a continuar neste tom, quando um lançar de olhos do palatino lhe fechou a boca.

No entretanto era incomprehensivel a demora. Mal passava pela rua alguma carruagem, que todos chegavão á janella; era geral a anciedade! Abre-se enfim a porta, e eis que entra Leão: rosto pallido, porte acanhado; apenas pôde articular algumas desculpas banaes.

Tinha Leão vinte cinco annos de idade; bello e de fórmas elegantes, era de maneiras nobres e relevantes, trajando com gosto, não apresentava contudo aquelle ar affectado que chama o ridiculo e dá mostras de mediocridade. De olhos pardos sobremodo carregados, e de cabellos negros, a expressão de seu rosto era melancolica. Calado ou fallando, seu aspecto era serio e calmo. Por dizer tudo em uma palavra, era um modelo de distincção, de elegancia e bom gosto.

Um instante depois da chegada de Leão, o *copeiro* foi buscar sua filha e a conduziu pela mão á grande sala. Karolina, que já tinha completado seus dezoito annos, era uma destas louras que os poetas tomão por typo para as suas criações idéaes. De pelle branca e assetinada como a folha do lyrio, o colorido do rosto apresentava um transparente de rosa. Seus olhos de um azul carregado acobertavão-se por palpebras negras e bastas, em tanta fórma, que se pôde dizer que, tendo todos os encantos das louras, não as acompanhava porém na insipidez. Alta, de espadoas admiraveis, e o quer que seja de arredondadas, de pescoço de cysme, e de um talhe slacido, Karolina, se ao primeiro aspecto parecia bella, ao contemplar-se por partes era deliciosamente linda.

Um rumor de admiração se fez sentir quando ella appareceu no salão; Karolina não se apresentava com aquelle acanhamento da pequenez que torna as moças desengraçadas; ao contrario, a sua innocencia e candura davão-lhe uma certa placidez cheia de encantos e de dignidade.

Passando-se do salão para o oratorio do *copeiro*, ahí o padre Onuphre, confessor de Karolina, começou a cerimonia. Parece que Deus e os seus santos assistião á joven noiva: resava como os anjos prostrados ante o throno celeste; nem o bulicio continuo e inevitavel dos assistentes a puderão arrancar por um instante de suas piedosas meditações. Leão porém fazia um doloroso contraste com esta virgem christã; as pai-

xões mundanas que o agitavam, o susto do acto importante que ia prendel-o, tudo o fazia tremer como se fô'a um réo.

Quando o padre interrogou os noivos, quando lhes disse que pronunciassem o—sim sacramental—Karolina, sem hesitar, o proferiu em alta voz, porque o espirito de Deus estava nella; mas Leão trepidou, a lingua prendeu-se-lhe ao pronunciar tamanha e tão simples palavra; ouviu-se então o palatino, assustado pela vacillação do filho, dizer-lhe em voz baixa—ora pois, pronuncie o sim.

Acabada a cerimonia, voltarão todos para o salão, e ali principiárão os cumprimentos e felicitações do uso: a carruagem a seis, veio pôr termo ao folgado geral; a carruagem devia levar o joven, segundo a moda ingleza, recentemente admittida entre nós. Em outras eras as festas nupcias duravam pelo menos dous dias e duas noites, mas hoje o bom-tom exige que se ponhão de parte as afeições dos pais e dos amigos; e chama-se a isto fugir á curiosidade. Não era esta moda muito do gosto do *copeiro*, nem do de sua mulher, mas era-o da vontade do conde Leão, e foi preciso condescender.

O rodar da carruagem fez estremecer Karolina, que debulhada em lagrimas se lançou aos braços de sua mãe. O *copeiro*, irritado por esta ternura (tanto era o respeito que tinha pelo genro!) disse a Karolina: — Por que são esses pezares, Sra. condessa? Acaso ides para a America? Trata-se por ventura de algum rapto? não; vós ides partir com vosso marido, que vos leva para suas fazendas distantes daqui vinte legoas apenas: essas lagrimas são modos de criança; não choreis; é uma descortezia.

Dito isto, lançou-lhe aos hombros um grande chale de cachemira branco, e a conduziu á carruagem. Leão tomou assento ao lado de sua mulher, e a carruagem desapareceu.

Quando o *copeiro* tornou ao salão, achou estupefactas e quasi que assanhadas as mulheres velhas da companhia.

— Valem mais que tudo isto os nossos usos polacos, dizem ellas!

— Será bonito lá para os inglezes, no mais bello dia da vida fugir aos olhos de todos como se fossem criminosos?... Não penso eu assim, replicou a *copeira*, pois que assim o quer a moda.

E a esta toada responderão na mesma clave as raparigas presentes, e o Sr. F... um dos elegantes de Warsovia.

Quando depois de um esplendido banquete a companhia se retirou, o *copeiro* e sua mulher, ficando a sós, fallarão finalmente de sua filha:

— É sempre assim, disse Mr. Dobromir, consume-se toda a vida na criação e educação de uma pobre menina, ajunta-se a custo um dote para ella, e no fim de contas vem um marido que leva tudo. Um rapaz, pelo menos, fica por mais tempo em casa. No entretanto foi um bom casamento; todos nol-o inveião, e é isto o que importa.

— Sim, com tanto que Karolina seja feliz, replicou a mãe.

— Feliz! porque o duvidais? Poderíamos

nós achar melhor conveniência? Como nunca tive a pretensão de casar minha filha com o principe real; um conde, e de uma grande familia, o que vale mais, é tudo que me basta. Em troco da nobreza que nos falta, digamol-o entre nós, damos uma moça formosa, educada como princeza, e com dous milhões de dote: ella por ella, e serão felizes.

— O que me inquieta, disse a mãe, é o pouco fervor de Leão; fez-se esperar tanto tempo!...

— É verdade, replicou Dobromir, veio um tanto tarde; mas tal é o u-o entre os fidalgos.

— Embora seja o uso; mas porque maneira o desculpais vós daquelle ar sombrio, cuidado e inquieto que mostrou durante a cerimonia?

— Minha cara, nós homens amamos a liberdade, somos como os passaros, temos medo da gaiola. O casamento assusta-nos; porém estou certo que se amanhã visseis o conde o achariéis alegre e gracioso.

A esta escapatoria do marido, seguiu-se um sorriso significativo da parte da mulher, e ambos se separarão.

No entretanto os cavallos levárão de corrida a Karolina e a Leão.

Pela primeira vez na sua vida se via Karolina a sós com um homem; acanhada ao principio, e resoluta depois, olhou para Leão para lhe perguntar a razão de tudo isto; pasmou com um rosto de gelo. A pobre senhora não ousou mais continuar nas suas perguntas, e a viagem se concluiu sem que entre os dous esposos se trocasse uma só palavra.

Nenhuma destas expressões que a polidez tem inventado para supprir a que falta ao pensamento ou ao sentimento, veio temperar a dureza e a insensibilidade de Leão, que durante todo o trajecto se conservou n'um silencio inflexivel.

Madragora é uma campina magnifica á margem do Wistula. Vai por tres seculos que ella pertence á familia de Leão. O antigo castello tinha tomado o aspecto algum tanto moderno; o que era devido aos trabalhos do joven conde, que havia presidido á sua reconstrucção e ao seu alfaiado, trabalhos que servirão de motivo para o palatino desculpar a negligencia de seu filho, quando este fazia a côrte a Karolina.

Já era de tarde, quando o conde e a condessa chegarão ao castello de Madragora. Todos os criados postos em fileira sobre o transito de seus amos, vierão recebel-os.

— Deus abençõe a vossa união; e pois sou ainda testemunha da vossa felicidade; nada tenho que pedir ao Céu.

Leão, sem lhe responder, abraçou a este homem honrado, deu depois a mão a Karolina, e a conduziu para um salão illuminado á pressa. Apenas entrados, Leão arremessou-se a uma cadeira de espaldar, como o faria um homem cansado, e acenou com a mão a Karolina para vir a sentar-se sobre o canapé. O coração de Karolina abundava em lagrimas; não ousava fallar, temendo romper em soluços; e todavia por este instincto do valor que só ás mulheres pertence, reprimiu o impeto, e approximando-se de Leão, disse-lhe com voz maviosa:

— Doe-vos a cabeça ?

— Sim, doe-me a cabeça, soffro horrivelmente.

Karolina que entreviu nestas palavras uma como desculpa do que se havia passado, sorriu-se com ternura, e estendeu-lhe a mão. Mas este sorriso, este gesto parecendo transportar de co-lera a Leão, o fez levantar-se precipitadamente, pegar em um castiçal, e dizer a Karolina, sem olhar para ella :

— Eu não estou doente, nem tenho febre : se quereis, senhora, iremos visitar o castello.

Karolina o acompanhou sem proferir palavra.

Toda a casa estava magnificamente adereçada. Uma elevada rotunda formava o centro do castello, e duas estensas galerias ali vinhão fechar-se : a primeira continha uma bibliotheca e os retratos da familia ; a segunda, flores e plantas exóticas, entremeiadas de bellas estatuas de marmore branco. Uma galeria conduzia aos qua-tos do senhor, a outra aos da senhora. Leão abriu uma porta, e fez entrar Karolina em uma camara alfaiada com a maior riqueza.

— O vosso gabinete particular, e a casa para banhos pegão com a vossa camara ; tudo isto, senhora, vos fica pertencendo.

Karolina, maravilhada por tanto luxo, encarou Leão com um ar enternecido, persuadida que nesta profusão de cousas tão bellas havia tenção feita de a agradar.

Neste comenos, entrou o mordomo e disse :

— Sr. conde e Sra. condessa, está na mesa o jantar.

Continua.

CHRONICA DA QUINZENA.

Mãos á obra, que a minha vez chegou. Mas Exma., veja que esta quinzena não é o quer que seja na ordem das quinzenas de dias magros e noites tristes : ha muito que dizer, ha panno para mangas estreitas e largas, e até para carapuças, optimas nestes dias frios e humidos para agasalhar os ouvidos dos endefluxados e ronquinhos da quadra. Veja por tanto a minha amiga Redactora em chefe como faz accommodar nas duas estreitas columnas do Jornal a estirada chronica que lhe pretendo remetter nesta occasião que tenho de fallar em tantas e tão galantes cousas. Oh ! que chronica que vou eu fazer !

Só os delirios dos Santos, que tirou-se dos seus cuidados e foi ver a Favorita, vaé formar um numero do *Jornal das Senhoras*, e talvez com supplemento, por que o velho está perdido, louco redondo : chora de gosto quando conta que ouviu cantar Mine. Stoltz.—Ah !... minha boa uma e senhora, diz-me elle embasbacado e com os olhos em alvo, ouvi dizer que a Candiani e a Norma cantavão bem, mesmo muito bonito ; mas como esta... esta *Estrótilites!*... qual, morro contente da minha vida...

E as lagrimas rolão-lhe pela enrugada carantouha, como carões de milho assado ! Coitado ; é sensível e natural de bom coração. Estes velhos quando cahem em paz acaçeira, mettem dó...

Por aqui vereis o que poderei referir do que tem elle contado ; mundos e fundos. Está em dia

com os mais pequenos incidentes, alinhavou amizade com as coristas, dá pitada aos coristas, comprou libretos e uma arte de musica... ora querem ver que o pobre Santos dá em corista ! Hon-temi eu já lhe disse que neste andar, de duas uma, ou vai para o Theatro ou dá com os ossos na Praia Vermelha—

De qualquer fórma o maldito faz-me falta ; o que me valerá no primeiro caso será o conservatorio não receber crianças de tão tenra idade ; mas os empenhos... tudo póde ser, e eu fico sem o meu guarda portão.

Depois deste episodio do Santos, tenho de fallar na primeira semana do mez que o mundo elegante e não elegante a consagrou toda inteiriça aos immensos preparativos para o dia da Gloria, uns para a festa, e outros para os dois bailes esplendidos que se derão nessa tempestuosa noite : os primeiros ficarão logrados, que a chuva era a cantaros ; mas os segundos apuros gastarão mais alguns mil réis, e lá forão ter ás portas do baile. Verdade é que alguns só á meia noite li pudêrão chegar, o que não se deve tomar em grosso, porque vontade não lhes faltava ; foi unicamente por falta de conducção, apoz de haverem na praça para cima de tresentos e tantos vehiculos contando com as carroças e carros de de enter o.

Era mesmo um chorar a Deus ! Tanta gente preparada desde os primeiros dias da semana, e no Domingo, depois de uma linda manhã que fez acordar e saltar de alegria o mais preguiçoso somnolento, desaba a tormenta e adeus mi-nhas encommendas ; um mar de angustias afogou as mais bellas esperanças dos devotos de Nossa Senhora da Gloria ! Que remedio : guardarão os devotos as promessas e a Irmandade os registos e medidas até o domingo seguinte ; que é para quando está annunciado o muito visto fogo de vistas.

Tão bem conciliado não ficarão os que por falta de conducção não puderão ir aos bailes dessa noite. Estão que, se houvessem carros cavallo ; e coixeiros á venda, assim como ha garrafas cabelleiras e botins, seria tudo vendido e por bom preço, só pelo gostinho de ir a um baile dia da Gloria. Eu fui do numero das mais felizes ; encommodei um carro, que só ás nove horas da noite appareceu-me depois de ter dado cinco caminhos, e por isso não será de admirar se eu vos disser que gastou 75 minutos, isto é uma hora e um quarto, para conduzir-me da minha casa á do Sr. Commendador Pereira Bahia. que é pouco mais ou menos da rua dos Ourives á Gloria ! Mesmo assim muitos invejarão a minha sorte !...

Ora, isto e os bailes tambem devo descrever Exma. ; e não leva menos de cincoenta linhas. Depois tratarei da semana passada a qual, exceptuando a segunda feira para descanso dos que retirarão-se das funcções ás quatro e cinco horas da madrugada, foi toda empregada em mirar coróas fallar em coróas, avaliar coróas, defender coróas, criticar coróas ver as fitas bordadas das coróas, emfim não se fallou em outra coisa, e a coróa de Mme. Stoltz com suas ricas fitas bordadas ganhou a primazia : a concurrencia dirigio-se toda a casa do Sr. Marin, invadi-

rão-na, e pozerão o homem tonto. Diz um sujeito da vizinhança, pachorrento e curio-o, que contára oitocentas e tantas pessoas, d'ahi para cima perdera a conta dos visitantes. Que lhe faça bom proveito senhor meu.

A corôa para Mme. Stoltz é por sem duvida um dos objectos d'arte o mais primoroso e o mais bem acabado. Compõe-se de dois ramos do nosso café, mui bem lançados para diante, cujas pontas vão encontrar-se dominadas por uma oscillante estrella de brilhantes, e atraz apoião-se em um lindo laço de brilhantes com uma valiosa esmeralda no meio: este laço é de tirar e pôr, e serve tambem de um magnifico broche. As folhas são de ouro fôscio, e os grãos de café, que guardam certos ramos, de dous em dous, são de preciosas granadas. Diversas senhoras incumbirão-se de bordar fitas a outro com seus nomes, para ajuntarem a este presente, como um pequeno signal de seu apreço aos merecimentos da artista; essas fitas estão promptas, são acabadas com toda a delicadeza e perfeição dos trabalhos feitos pelas nossas patricias.

A'que foi offerecida a João Caetano na noite da abertura do Theatro de S. Pedro, a 18 do corrente, tambem era rica e de gosto.

Accrescente a minha Exm. amiga á esta noticia outras muitas que tenho de historiar, por exemplo o magnetismo que está fazendo época no Rio de Janeiro com seus curativos por meio do somnambulismo; no qual sobresahe com a maior lucidez uma preta de 50 annos, que tem advinhado diversas molestias e indicado os melhores remedios para o seu rapido curativo.

E os roubos! coitadinho do gato; conte que está pillado se forem as queixas á somnambula.

—Minha ama dá licença?

—Podes entrar Santos; o que queres tú?

—Venho entregar estas duas cartas uma é da Exm.^a Sra. . . . e outra cá do Sr. Doutor que cura em casa.

— Bem, podes te retirar.

Vejamos a daquella gaiata o que contém. «Bellona, ainda não pude acabar de rir-me desde que sahi do baile dos Militares; antes de tudo devo dizer-te que estevê magnifico e muito animado; os Militares fizeram muito bem em mudar a sua Sociedade para o pavilhão do Paraizo; gostei muito desta ultima reunião. Mas o que queres tú, não ha trigo sem jóio. Estava eu sentada ao pé de uma interessante moça, cujo porte affavel e modesto revelava a mais apurada educação, eis que chega um moçoilo, moreno e de bigodes, com ares de cousa importante e lhe dirige o seguinte convite — Minha senhora, sabendo eu que V. Ex. é muito orgulhosa, que falla de todo o mundo, que recebeita pares, e que tem presumpções de formosa, venho apresentar-me aos seus caprichos, para ser uma das victimas ou o rei de tão vasto imperio.

Eu fiquei a olhar para a eloquente criatural e a moça abaixou os olhos respondendo ape-

nas — O senhor está enganado, creio que se dirigiu impensadamente — Até aqui a minha vontade foi pegar-lhe no braço e faze-lo sahir do centro de uma reunião tão e colhida; porém depois que elle de novo voltou á mesma moça confessando que tinha sido enganado e implorando-lhe mil perdões, desatei a rir até agora; por que uma cousa é ver, outra é dizer: o rapazola estava vermelho como um pimentão, muito gago, e desfazendo-se em salisfações; por fim já muito atrapalhado dizia elle; sempre a gaguejar — minha senhora, nada, tenha V. Ex. paciencia, eu quero, é de minha obrigação recitar um discurso publico aqui mesmo em favor de V. Ex., sim, não me negue esta graça . . . Ora um discurso publico. . . ! faze idéa, Bellona, como eu me ri; fui para o *toilette*, e a moça felizmente levantou-se pelo braço de um elegante cavalheiro que a veio buscar para a 4.^a quadrilha. Inclue este supplemento á tua chronica.

Pobre moço. A culpa não tem elle: os pais que o encaminhão no mundo, são os responsaveis. . . . Leiamos a carta do Doutor.

«Não se admire V. . . de um velho escrever-lhe uma cartinha neste sentido: os velhos tambem tem seu coração, seus olhos e seus gozos. Estive na brilhante reunião que deu a Exm.^a Condessa de Sarapuby por occasião do seu feliz natalicio; nos vastos salões da sua habitação fiquei encantado de ver a amabilidade com que graciosamente fizeram as honras da casa nessa noite as queridas sobrinhas da Sr. Condessa. Tratarão-me com toda a caridade que merece a velhice, que ainda sabe apreciar o espirito e a elegancia da juventude, e encadearão meu reconhecimento até á sua fina e bem comprehendida educação, predicado tão util e necessario nesta época. Fui para casa, e lembrei-me de fazer estas linhas com tenção de proseguir e descrever toda a função; mas, minha senhora, cada vez me convenço mais, que não posso afastar-me das minhas receitas e sangrias. . . E páro aqui, pedindo-lhe por quem é, que tenha a bondade de aviar-me esta receita para o interessante *Jornal das Senhoras* de que V. . . é uma das suas mui dignas collaboradoras.»

Pois não, meu caro Doutor, com muito gosto serei a boticaria de tão util e mimosa receita.

Ora agora Exm.^a calcule a minha amiga se uma chronica desenvolvida sobre estes diversos assumptos cabe no *Jornal*, e mande-me dizer para dar principio á ella quantoantes.

— Vossa muito amiga.

20 de Agosto.

Bellona.



Acompanha a este n.º 347.^a estampa, com dois figurinos de passeio de campo.